

**KUXA KANEMA Nº 39 / 1982**

*Produção:* Instituto Nacional de Cinema (Moçambique, 1982) *Cópia:* ficheiro digital, preto-e-branco, versão original falada em português, 12 minutos.

**VIRGEM MARGARIDA / 2011**

*um filme de* LICÍNIO DE AZEVEDO

*Realização:* Licínio de Azevedo *Argumento:* Licínio de Azevedo, Jacaeus Akchoti *Fotografia:* Mario Masini *Montagem:* Nadia Ben Rachid *Direcção artística:* José Vian *Música:* Moreira Chonguica *Interpretação:* Iva Mugalela (Rosa), Hermelinda Cimela (Comandante Maria João), Sumeia Maculuva (Margarida), Rosa Mario (Susana), Ana-Maria Albino, Victor Gonçalves, etc.

*Produção:* Ébano Multimédia, Ukbar Filmes, JB Production, Dread Locks (Moçambique, Portugal, França, 2011) *Produtores:* Pandora da Cunha Telles, Pablo Iraola, Pedro Pimenta *Co-produtores:* Jacques Bidou, Marianne Dumoulin *Cópia:* ficheiro digital, cor, versão original falada em português, 86 minutos *Estreia:* 9 de Setembro de 2012, no Festival Internacional de Cinema de Toronto *Primeira Estreia comercial em Portugal:* 21 de Novembro de 2013, no cinema ZON Lusomundo Amoreiras *Primeira exibição na Cinemateca:* 18 de Dezembro de 2015, com *A Última Prostituta* (1999) (“O Espírito do Lugar: Licínio de Azevedo, Cineasta de Moçambique”).

---

“A luta continua”, lê-se numa das faixas brancas com escritos a vermelho que circulam na caixa aberta do camião pejado de pessoas, em manifestações e palavras de ordem, nas primeiras imagens do filme. Por aqui começa VIRGEM MARGARIDA, e por aqui começou a retrospectiva da obra de Licínio de Azevedo na Cinemateca, em 2015, arrancando pelo último penúltimo capítulo a esta data, que depois houve o COMBOIO DE SAL E AÇÚCAR, centrado na guerra civil moçambicana a partir do romance homónimo do escritor e cineasta, como Licínio se apresenta. VIRGEM MARGARIDA é a longa anterior. Na sua filmografia, é dos filmes mais simples de categorizar como “longa-metragem de ficção”, tendo-se em conta – e não é um pormenor – que uma das características do trabalho de Licínio é situar-se num território avesso a fronteiras de género. Para ir directo ao assunto: VIRGEM MARGARIDA é um filme ambientado em Moçambique, em 1975, no imediato pós-guerra pela independência, ou, vista “daqui”, a guerra colonial portuguesa. É um filme que lida, portanto, com a memória da história moçambicana da segunda metade do século XX e inspirado em factos verídicos cujo relato surgiu a Licínio num filme anterior, A ÚLTIMA PROSTITUTA.

Licínio refere esse filme de 1999 como “um documentário clássico de entrevistas a partir de uma fotografia de Ricardo Rangel, com dois militares da FRELIMO recém-chegados à cidade a escoltarem uma prostituta”, uma das mulheres que primeiro saudaram a independência de Moçambique e que, em finais de 1975, foram levadas para os então designados centros de reeducação em que eram submetidas a trabalhos forçados sob vigilância militar. Num dos depoimentos de A ÚLTIMA PROSTITUTA é relatada a

experiência de uma camponesa virgem que foi levada ao engano para um desses centros. VIRGEM MARGARIDA surge daí para se construir em torno da questão e se deter no que o autor refere como “os antagonismos da libertação [das mulheres]. Remete para a emancipação das mulheres africanas em situações distintas: alfabetizadas ou não, a mulher colonizada e a mulher revolucionária, que percebe a disciplina imposta pelo homem. [...] A reeducação de prostitutas, militares e camponesas foi afinal um processo de mútuo conhecimento, que as leva a unirem-se para se libertarem”.

É uma das recorrências temáticas da obra de Licínio focada no rasto da guerra pela independência de Moçambique, muito presente nos seus primeiros filmes, e sobretudo na guerra civil que se lhe seguiu, não deixando de fazer eco do passado colonial português (caso de OS HÓSPEDES DA NOITE, de 2007) e centrando-se inúmeras vezes em figuras e personagens femininas, na importância do papel desempenhado pela mulher na sociedade africana (citem-se AS PITAS ou MARIANA E A LUA, de 1998/99). Acrescentem-se ao elenco a especial atenção à vivência moçambicana e às suas “histórias comunitárias” (título de uma série de seis curtas-metragens co-escritas e co-realizadas com Orlando Mesquita em 2000; presentes em A BOLA e ECLIPSE, de 2002, também assinados por ambos para a série “Steps for the Future” ou em A GUERRA DA ÁGUA ou TCHUMA TCHATO, 1997/98); ou ainda o reflexo da sociedade moçambicana contemporânea (por exemplo O GRANDE BAZAR OU A ILHA DOS ESPÍRITOS, de 2006/09); vivendo também da ancestralidade da cultura africana (em VIRGEM MARGARIDA sinalizada na cena em que uma das raparigas sofre de dores de barriga, visivelmente inchada e audivelmente “piadora”, num fenómeno explicado por feitiço, em paga por ter comido uma galinha que lhe não pertencia).

A obra de Licínio é pois temática e geograficamente indissociável do território moçambicano, onde o jornalista e escritor chegou em 1977 para se tornar cineasta, atraído por um convite de Ruy Guerra em anos de militância revolucionária e crença ideológica. Enraizado nesse *lugar* e no seu *espírito*, Licínio impregnou dessa realidade os seus filmes, encontrando bastante cedo a especificidade do seu cinema na criação de uma linguagem que alia a “crónica” à pulsão de “contador de histórias” (traçável desde A COLHEITA DO DIABO, de 1988; indubitável em DESOBEDIÊNCIA, de 2002). Se na sua filmografia há títulos mais convencionalmente documentais (como A ÚLTIMA PROSTITUTA) e mais convencionalmente ficcionais (como VIRGEM MARGARIDA), no seu conjunto, trata-se de uma obra composta na confluência de registos e aberturas mútuas. Em VIRGEM MARGARIDA, tal “encontro” está a montante, na génese do projecto, que se arrisca como filme de época, seguindo da cidade para o mato com as suas personagens num movimento que será – para todas elas – menos de “reeducação” do que de aprendizagem. E que não deixa de reflectir amargamente a complexidade do processo que, quando em curso, permitia porventura propor-se em torno do binómio revolucionário / reaccionário: a “paciência revolucionária” e as “fugitivas reaccionárias” a que se alude no filme, nos termos de uma exigência à camarada comandante Maria João e da crítica às mulheres submetidas à violência, trabalhos forçados, sevícias e torturas infligidos sob o seu comando militar em nome de um “abaixo a má vida”, palavra de ordem no campo (até pelo menos ao momento em que as mulheres se juntam contra o militar que assume a imagem do machista reaccionário num “filho da puta, passou para o lado do inimigo!”).

As prostitutas, e a virgem que com elas segue por engano, são capturadas à força pelos militares nas ruas da cidade. Na sua progressão, entre uma série de figuras, o filme vai-se concentrando nas personagens de Susana, Rosa, Margarida, mas também na da comandante Maria João, que evolui da crença na missão que lhe é confiada como responsável pela reeducação daquelas mulheres (“mulheres da má vida, vocês não sabem varrer o chão, não sabem cozinhar!”) para o confronto com a frustração idealista do processo (na percepção do logro, explicitado no comportamento de domínio e abuso das poucas personagens masculinas do filme, dos olhares lascivos aos crimes perpetrados sobre as mulheres). A partir do

momento em que todas se agrupam no mato, o filme respira muita da tensão entre a personagem de Maria João, que ali representa o exercício do poder, e as mulheres que são supostas ser resgatadas à força. Do grupo destas últimas, Rosa destaca-se como a personagem mais rebelde, a mais desafiadora, a mais resistente. É também ela quem adquire a mais aguda consciência, cabendo-lhe fazer com que a comandante encare por fim a situação em que todas estão envolvidas.

Na sua maioria interpretadas por atrizes não profissionais (o processo de distribuição, vulgo *casting*, ficou registado no filme de Margarida Cardoso LICÍNIO DE AZEVEDO: CRÓNICAS DE MOÇAMBIQUE), as personagens de VIRGEM MARGARIDA terão resultado de uma soma de traços de outras tantas figuras verídicas, atentamente olhadas por Licínio, que as filma com a sua sensibilidade de contador de histórias.

*Flashback* a 1999: “desenterrando” factos esquecidos, ou genericamente não mencionados, da história do país pós-independência, A ÚLTIMA PROSTITUTA terá tido um forte impacto em Moçambique. Não é difícil percebê-lo face ao poder dos testemunhos na primeira pessoa das mulheres que foram detidas, obrigadas a deixar as famílias e as vidas que tinham, levadas para o meio do mato para centros ditos de reeducação, forçadas ao poder, exercício de abuso e violência de diversa ordem pelos militares que os dirigiam. Como se ouve dizer a estas mulheres, havia mulheres negras e brancas nos “centros de reeducação”, algumas eram prostitutas, outras não. Como Margarida, “a virgem”, que cedo surge no relato de uma das protagonistas que dá a cara nesse filme e logo aí motiva uma sequência de reconstituição ficcional, justamente entre a sua personagem e a amiga que a protege desde que ambas, e o grupo em que se inserem, iniciam a viagem forçada rumo ao mato. “Virgem Margarida” é já também o título de um dos segmentos que estruturam A ÚLTIMA PROSTITUTA, que procede por “capítulos” dando voz às mulheres que sofreram a violência daquela experiência, mas também filmando-as com a delicadeza que algumas delas requerem, em silhuetas de sombras ou como personagens de costas. Os seus “retratos filmados”, como os segmentos que se sucedem baseados em episódios que viriam a formar a “matéria narrativa” de VIRGEM MARGARIDA, são entrecortados com a entrevista a Paulo Rangel e as suas poderosas fotografias de 1975 (uma das quais a da “última prostituta” a que Licínio foi buscar o título para o seu filme). Na simplicidade do seu dispositivo, A ÚLTIMA PROSTITUTA é um importante título documental da obra de Licínio. Vê-lo com a ficção a que deu origem, VIRGEM MARGARIDA (como sucedeu numa vez anterior na Cinemateca), permite, ainda, um curioso olhar sobre as possibilidades de construção narrativa no território em que o “cineasta de Moçambique” se move.

*Flashback* a 1982: é a data do KUXA KANEMA Nº 39 que na projecção de 2024 – em Abril, perto do 25, sempre! – antecede VIRGEM MARGARIDA. É um dos números da segunda série do popular jornal cinematográfico produzido pelo Instituto Nacional de Cinema (INC), criado em Moçambique, em 1975, como primeira acção cultural pós-Independência – *kuxa kanema* ou *o nascimento do cinema* (que Margarida Cardoso documentou em 2003, no filme homónimo, resgatando essa história): propunha-se *filmar a imagem do povo e devolvê-la ao povo* mostrando “o jornal” pelo país através de unidades móveis. Estruturado à volta de quatro tópicos, que vão da sinalização do contrabando de alimentos, à actualidade desportiva ou à referência aos 70 anos de luta pela liberdade do povo trabalhador do Chile, este número 39 destaca uma reportagem sobre um lugar marcado pela tortura e pela violência colonial, a antiga prisão política da ilha de Ibo, em Cabo Delgado. Mostrada em modo de “visita guiada”, a fortaleza é um espaço de memória em carne viva, ao arrepio do sossego da paisagem.

Maria João Madeira